NA SERRA DA ESTRELA

N.º 90
OUTUBRO
1946

Uvas madurinhas!

Foto: SACADURA

SUMÁRIO

Assinatura ao ano 12$00 — Avulso 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Senhor, queremos arriscar a vida

Põe a alma de joelhos dentro do oratório do teu peito. Faz ajoelhar também o coração. Põe-te toda de mãos-postas.

Silêncio. Silêncio...

Reza agora comigo esta oração que compoz um rapaz estudante canadiano — e eu traduzo para vós todas:

«Senhor, eu queria ser daqueles que arriscam a vida, que dão a vida...

Para que serve a vida se não fôr para a darmos? Meu Deus, não passo de uma ***burguesa*** no meio de um mundo ***burguês.***

Sou o produto de um século de confôrto; fizeram-me um seguro de vida e agora sinto-me ao abrigo de todos os riscos. Também sou pela ***ordem.***

Quero a ***segurança*** para o meu país, para a minha família e para o meu dinheiro.

Senhor, Vós que nascestes ao acaso de uma viagem, que morrestes como um malfeitor, depois de haverdes percorrido, sem dinheiro, todos os caminhos: as estradas de exílio e as duras peregrinações de um missionário errante — ***arrancai-me ao meu egoismo e ao meu confôrto.***

Assinalada pela vossa Cruz, que eu não tenha medo da vida rude e das missões onde se arrisca a vida; que eu não tenha medo das ***missões difíceis,*** das ***missões de responsabilidade*** e sobretudo que não tenha medo da ***bela aventura*** de um lar onde despertarão outras vidas novas.

Mas, Senhor, acima de todas as aventuras mais ou menos desportivas, acima de todos os perigos de uma vida cheia de acção, acima de todos os heroismos de fachada, tornai-me disposta para a linda aventura a que me chameis.

Tenho de orientar a minha vida pela minha palavra.

Tenho que jogar a vida pelo Vosso amor.

Que os outros sejam prudentes, Vós, a mim, dissestes-me para ser ***louca.***

Que os outros acreditem na ***ordem;*** Vós, a mim dissestes-me para crer na Caridade.

Que os outros continuem a pensar que é bom ***conservar;*** Vós, a mim dissestes-me, Senhor, que é preciso ***dar.***

Que os outros se ***instalem;*** Vós, a mim dissestes-me que caminhasse, que estivesse pronta para a alegria e para o sofrimento, para os reveses e para os triunfos; para não ter confiança em mim mas em Vós; para viver cristãmente sem me ralar com as consequências; para arriscar a vida confiada apenas no Vosso amor.

Então, Senhor, não é loucura ser cristã?»

Reza-a devagarinho, muitas vezes.

Saboreia-a no coração.

Reza, meditando: — A falar com Deus.

Preciso que a tenhas toda no sangue e na alma quando voltar a falar-te dela.

G. A.

Camaradagem

Minha querida Ermelinda

Tenho-me admirado do teu silêncio. Tu tão pronta a dar-me noticias, tu de quem eu esperei a primeira palavra de «Feliz Natal», que costuma vir sempre perfumada de uma florsinha de ternura, fresca como a tua alma, tu que me escreves a pedir um conselho, a contar uma partida do Chiquinho, tu que prometeste... ó, Ermelinda! Dás-me licença que te chame marota e um bocadinho esquecediça, como diz por aqui a gente do campo? Lá por não me teres escrito não deixei de pedir por ti a Nosso Senhor, nestes dias de festa em que as orações parecem iluminar o Céu de uma luz suave, pura e tranquila que se espalha docemente pela lezíria fora, uma luz azul acinzentada côr das pupilas dos anjos. Não pensas que os anjos devem ter as pupilas desta côr límpida e clara?

Mas, o que terás tu para nem me escreveres duas linhas sequer, onde me contasses como tens passado as férias e como vão as églogas de Bernardim Ribeiro da tua especial *simpatia*...

Eu estou longe de ser uma boa aluna, mas se há coisas que aprecie em literatura são os versos. Como os poetas são imaginativos! Comparo-os a grandes barcas carregadas de flores ou transbordantes de frutos maduros que ao sabor das ondas venham espalhando os seus perfumes através das idades, desde a primeira idade dos poetas, desde Raimundo Beranger «o Grande», que veio inundar de poesia as Asturias, o Reino de Leão e por fim o nosso Portugal...

Que corrente de poesia! Perder-me-ia de amores pelo menestrel que melhor trovasse...

Quando a luminâ aparece
Y o sol nos mares se esconde
Todo o silencio nos campos
Todo na ribeira dorme
Quedam as veigas siu xente
Sin ovellinas os montes
A fonte sin rosas vivas
Os arboles sin cantores.

Calaram-se as vozes dos trovadores medievais, minha querida; apesar disso ainda vivo apaixonada por eles e até estes campos de extensa paisagem plana, molhados pelo Sorraia, a perder de vista, parecem chorar:

Todo na ribeira dorme
Quedam as veigas sin xente...

O «Monte da Barca» de inverno é triste. As cegonhas vieram fazer ninho na nossa chaminé e os seus bebés, em breve pernaltas aéreos, hão-de transpor a distância de sessenta metros pelo menos para irem debicar nos campos os pequeninos vermes das searas de arroz. Para que uma Mãe pernalta cria um filho, vê lá tu!

Eu disse que o «Monte da Barca» no inverno é triste e... talvez. Mas no verão tambem é.

Os Tios esforçam-se por me tornar as férias divertidas e alegres e eu divirto-me e alegro-me, todavia, a alegria não é completa. Pobres Tios, eu vejo-lhes nos olhos a saudade pela filha pequenina que perderam e hoje teria precisamente dezasseis anos como eu, que como eu montaria a cavalo e num relâmpago correria perdidamente pelas herdades entre uma nuvem de pó... uma nuvem de amargura é o que lhes leio nas expressões sorridentes mas tristes.

Compreendo-os; e o que posso fazer senão beijá-los e acarinhá-los muito? Eles compensam-me desta amizade e por isso esperam pelas minhas férias para se fazerem as festas.

Então a campina anima-se. Os cavalitos e os cães impacientam-se e escavam o chão à porta da herdade, enquanto não chegam os cavaleiros.

Nunca em pintura se poderá reproduzir o que é a vertigem da espera de gado. A tua pacifica Maria Antónia, nessa altura, perde a cabeça, como se fôra uma ribatejana, como todos os ribatejanos que na ardente cavalgada correm à ilharga da manada atravessando pântanos, calcando prados a corta-mato, enquanto as crinas dos cavalos flutuam no ar como os barretes verdes e vermelhos dos campinos que às dezenas enfeitam o cortejo vertiginoso.

Eis o touro tresmalhado! O monstro saltou em sobressalto e perseguido muge e revolta-se, mas domina-o o pampilho do campino audacioso que o enfrenta e o mantem com a vara, firmemente. Que coragem! O bicho mete medo! Tem o focinho malhado, os olhos pequeninos, ferozes, e os chifres prontos a investirem. Mas o campino é mais forte e a vara delgada e o seu cavalito ágil cansaram o touro e ei-lo de novo entre as crias e as mães.

Acabada a espera começam a apartar as mães dos filhos para a ferra. Não sou insensível a isso, o que queres? Faz-me um dó! Não posso ouvir a berraria dos bezerros, é horrível! A família, mesmo a família dos animaizinhos, faz-me tanta ternura! E' cruel apartarem-se as mães dos filhos, não achas?

Depois, à tarde, é a ferra. Os Tios têm a sua praça particular num «Monte». E' preciso queimar os pobres bezerritos com um ferro em braza para lhes pôr a marca do lavrador. Bem compreendo que é necessário fazer-se, em todo o caso, nunca assisto. Oiço os bichinhos mugir de dor e chega-me ao nariz o cheiro da carne queimada, simplesmente aflitivo, Ermelinda.

Não calculas a troça que me fazem os belos cavaleiros de safões de peles, abotoados de botões reluzentes, que vão apartando os bezerritos enquanto eu me volto para a planície, seguindo com os olhos o rebanho das vacas tristonhas que tambem voltam sózinhas para as pastagens.

Na verdade, minha querida, esta vida ribatejana é cheia de alegria, forte e turbulenta e dum remoto e triste sentimento poético de trovadores. As guitarras choram pela noite adiante...

Todos os rapazes convidados a assistir à ferra, e todas as raparigas, vão cantando enquanto crepitam no lume as pinhas... flôres do verde pinho. Nos outros dias seguem-se caçadas e mais caçadas. Os coelhitos não são senhores de deitarem os focinhos de fora das tocas nem as lebres de correrem ao sol da campina, sem que filem, logo atrás deles, matilhas de galgos.

E' a guerra entre os animais açulada pelos homens... Não digo que não me saiba bem ao jantar um ensopadinho de lebre do qual compartilham criados e senhores. Mas eu não vou às caçadas; porque depois não comeria o ensopado. Antes quero ficar entre as raparigas ajuizadas que trabalham para as criancinhas.

Na véspera do Natal os tios deram tanto! Eles dão sempre muito desde que lhes morreu a filha!

Foi lindo, lindíssimo, o nosso Natal. Nossa Senhora do Castelo, padroeira da vila, lá no alto, na ermida, sorriu, concerteza, no seu altar florido, ao ver os pequeninos a chilrear em volta da grande mesa lavradora na casa onde os pais encontram trabalho, e os filhos pão e ternura. Se visses os amores! Como alguns batiam as pequeninas mãos e soltavam gritinhos, risotas pândegas em volta dos brinquedos!

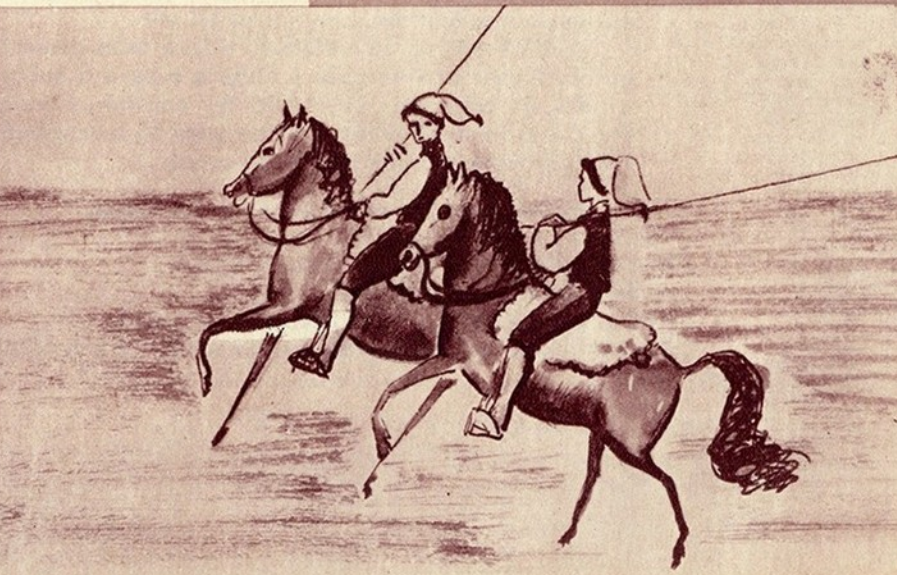
Os homens descobriam-se respeitosos em frente dos Tios, mal adivinhando que aquela grande mágua dos patrões se traduzia no riso, na alegria, no encanto que fazia palpitar as alminhas dos seus filhos.

O nosso Natal é sempre assim, mas é sempre lindo, para meu gôsto.

Os meus irmãos escrevem-me todos os dias, cada qual manda contar a prenda deixada pelo Menino Jesus. O Zé, que fazia mil planos para vir até cá, está com papeira e coitadito ficou de quarentena. Os outros manos é que se não livram dela pela certa. Calcula que o Chiquinho já não fala na sua rica Tó!

E' desolador como os miudos esquecem as grandes afeições! Assusta-me pensar que um dia posso encontrar um rapaz de quem venha a gostar muito, e depois me esqueça tambem como o manito pequeno. Tu, por exemplo, não me esqueceste? Apesar disso sempre te mando um beijo amigo.

Tua condiscipula

(Continua) Maria Antónia

Quadriga romana — Arco de Triunfo de Tito (Roma)

Os quatro corceis da quadriga

CECILE JÉGLOT, num dos seus livros *«L'art d'être femme»*, tem esta comparação interessante:

«Lembram-se de estudantes ou viajantes, terem visto nos livros de estudo ou em algum antigo friso de museu, a quadriga romana? Carro ligeiro, rápido, assente sobre duas rodas finas, voando quase no espaço, ao galope ardente dos seus quatro corceis bem em linha.

Carro dos deuses, tal como o pintou Delafosse, sôbre um teto de Versalhes. Conduzido no eter por um louro Apolo aureolado de luz, feito para o Olimpo e as nuvens luminosas, passa como um sonho aereo... Carro magnífico e dourado dos triunfadores subindo ao Capitólio, senhores dos homens e dos quatro corceis brancos relichando de glória... E em pé, segurando as rédeas, saudado, temido, invejado pela multidão o homem que dirige os quatro fogosos cavalos!

Visão desvanecida para sempre, direis; estais enganadas. Existem ainda pessoas que conduzem os quatro cavalos, ou, por transposição moral, as *quatro virtudes*.

Quais são elas? A *verdade* e a *justiça*, a *lealdade* e a *lógica*».

Quatro belas virtudes que nos poderão conduzir mais alto ainda do que o Capitólio, e merecedoras de uma glória mais duradoira do que a dos triunfadores romanos, que apesar de divinizados pelo Senado, desaparecem esquecidos, como os templos erguidos em sua honra hoje em ruinas ou desfeitos em pó!

Se o carro da nossa vida for conduzido pelas quatro virtudes, alcançaremos a glória imortal dos triunfadores que o céu coroa!

Mas se «a verdade e a justiça, a lealdade e a lógica são as mais belas coisas que existem no mundo, são tambem as mais raras», acrescenta Cecile Jéglot. «No entanto elas existem... ao menos em si mesmas. Todos falam delas, muitos julgam praticá-las, poucos as vivem.»

É verdade! E o que importa, não é admirá-las, ou fingidamente ostentá-las!

Estas quatro virtudes teem de fazer parte da nossa vida e não serem apenas «puras e majestosas alegorias», como os corceis da quadriga que encimam o Monumento de Vitor Manuel em Roma, simbolizando a apoteose do ressurgimento da Itália... (Que significam hoje, elas, na Itália vencida?!)

A M. P. F. desejaria que todas as filiadas façam a sua viagem pela vida num carro puxado por estas quatro virtudes: a verdade e a justiça, a lealdade e a lógica.

Embora o carro possa sofrer o balanço das pedras do caminho e até o perigo das voltas bruscas do destino, se não se largarem as rédeas dos quatro cavalos simbólicos — se não se abandonar a direcção do carro que a vontade mantem firme — chegar-se-á vencedor à meta!

Sem dúvida, todos reconhecemos e admiramos a beleza destas quatro virtudes, mas na vida prática quantas contradições com elas!

Quanta mentira contra a verdade, trevas a oporem-se à luz de Deus, na própria consciência! Quanta injustiça contra a justiça, violência e egoismo humano contra os direitos de Deus e dos homens! Quanta deslealdade contra a lealdade, desde o sorrir que engana ao beijo que atraiçoa! Quanta falta de lógica entre o que se crê e afirma e o modo de viver!

Precisamos de recuperar o sentido da verdade e de justiça, da lealdade e da lógica, se queremos que a nossa vida possua beleza moral.

Precisamos de aprender, antes de mais nada, *a viver na verdade*, pois por ela fàcilmente chegaremos à justiça, e leais connosco mesmo e com o próximo, tambem fàcilmente poremos lógica na nossa vida.

Durante este ano a M. P. F. apresentará às suas filiadas como tema de estudo de formação moral e como prática de virtude a ***verdade***.

Sobre ela falaremos tambem aqui, no nosso Boletim. É o primeiro dos *corceis*; conduzido por ele o nosso carro, poderemos seguir com confiança; e se lhe juntarmos os outros três, mais rápida e gloriosa será a nossa corrida!

Mas o que é a ***verdade?*** Pilatos não esperou pela resposta.

Nós sabemos que a ***verdade*** é Deus, e Deus manifestou-se pelo seu Verbo. A Verdade tornou-se «Luz que alumia todos os homens».

E a ***verdade*** nós poderemos fazê-la brilhar, atraindo para ela outras almas e iluminando com ela o mundo, ou encobri-la com os nossos defeitos, ou mesmo apagá-la com os nossos erros.

Veremos o que dá esplendor à ***verdade*** e o que a deminue e destroi...

Maria Joana Mendes Leal

IX Salão de Educação Estética da M. P.

LISTA DOS PRÉMIOS ATRIBUIDOS

GRUPO A — *Centros em Escolas Industriais e Casas de Trabalho.*

1.° — SECÇÃO ARTÍSTICA

Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do lar, fotografia, etc.

1.° Prémio — Diploma honorífico e 500$00

MINHOTA — Irene das Dores Matos — Vanguardista representando 1 grupo de filiadas — Centro n.° 4 Ala 2, Minho. Escola Ind. Bartolomeu dos Mártires, Braga.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

CONJUNTO (Album, Abat-jour e pano de mesa) — Arlete Otelinda Costa — Vanguardista — Centro n.° 64 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Marquês de Pombal, Lisboa.

3.° Prémio — Diploma honorífico e 200$00

CEIFEIRAS DE ESTREMOS — Maria de Lourdes Rosado. Infanta representando 1 grupo de filiadas — Centro n.° 1 Ala 6, Alto Alentejo. Esc. Ind. Gabriel Pereira, Estremós.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

ALBUM «O QUE PENSAS» — Maria da Conceição Palmeira — Vanguardista — Centro n.° 4 Ala 2, Minho. Esc. Ind. Bartolomeu dos Mártires, Braga.

2 CAIXAS EM MADEIRA C/ APLICAÇÕES — Maria Cecília Vieira — Infanta — Centro n.° 2, Madeira. Esc Ind. Com. António A. de Aguiar, Funchal.

ALMOFADA AZUL E ROSA — Maria Teresa dos Reis Santos — Vanguardista — Centro n.° 24 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Machado de Castro, Lisboa.

CONJUNTO DE QUADROS — Elvira Cândida Pires — representando 1 grupo de filiadas — Centro n.° 1 Ala 8, Estremadura. Escola Ind. Guilherme Stephens, Marinha Grande.

TRANSMONTANA — Arsénia Gomes de Melo — Vanguardista — Centro n.° 2 Ala 3, Trás-os-Montes e A. Douro. Esc. Ind. Júlio Rodrigues, Vila Real.

2.° — SECÇÃO LAVORES FEMININOS

Bordados, rendas e tapeçarias.

1.° Prémio — Diploma honorífico e 500$00

TOALHA DE CHA' — Isaura Machado Lemos — Lusa — Centro n.° 24 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Machado de Castro, Lisboa.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

TOALHA EM ORGANDI CRU — Maria Helena Nunes Seixas — Centro n.° 23 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Afonso Domingos, Xabregas.

3.° Prémio — Diploma honorífico e 200$00

PANO DE BILROS — Caetana Mendes de Oliveira — Centro n.° 2 Ala 5, Estremadura. Esc. Ind. João Vaz, Setúbal.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

PANO TULE RECTANGULAR — Marília Maia Nunes — Centro n.° 1 Ala 9, Estremadura. Escola Ind. Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha.

PANO REDE DE PESCADORES — Maria da Conceição Fonseca — Lusa — Centro n.° 7 Ala 1, Algarve. Esc. Ind. Tomaz Cabreira, Faro.

PANO BORDADO A BRANCO (Corôa circular) — M.ª Tereza Andrade Cancela da Fonseca — Vanguardista — Centro n.° 24 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Machado de Castro, Lisboa.

TAPETE — Maria de Fátima Teixeira Lopes — Centro n.° 1 Ala 6, Beira Litoral. Esc. Ind. Comércio do Porto, Oliveira de Azemeis.

PANO REDONDO — Ondina Marques dos Santos — Vanguardista — Centro n.° 30 Ala 1, Douro Litoral. Esc. Ind. Infante D. Henriques, Porto.

3.° — SECÇÃO LITERÁRIA

Composição em prosa e em verso ilustrada com desenhos.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

«A MINHA TERRA, O SEU BRASÃO» — Maria Manuela Pinto — Vanguardista — Centro n.° 2 Ala 3, Trás-os-Montes e Alto Douro. Esc. Industrial, Vila Real.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

«QUE PENSAS» — Maria da Conceição Palmeira — Vanguardista — Centro n.° 4, Ala 2, Minho. Escola Industrial. Braga.

4.° — SECÇÃO INDUSTRIAL

Peças de vestuário e paramentos religiosos.

1.° Prémio — Diploma honorífico e 500$00

CONJUNTO DE 3 BLUSAS — Isaura Costa Rodrigues — representando 1 grupo de filiadas — Centro n.° 24 Ala 2, Estremadura. Escola Ind. Machado de Castro, Lisboa.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

TOALHA DE ALTAR — Maria Wanda Silva Dias — Lusa — Centro n.° 72 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Fonseca Benevides, Lisboa.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

ARCA COM BRAGAL DE NOIVA — Maria Rosa G. Branco — Infanta — Centro n.° 19 Ala 2, Estremadura. Esc. Primária do Bairro da Boa Vista, Lisboa.

VESTIDINHO DE CRIANÇA — Maria Teresa Andrade Cancela Fonseca — Lusa — Centro n.° 24 Ala 2, Estremadura. Esc. Ind. Machado de Castro, Lisboa.

GRUPO D — *Centros em Liceus, Colégios e Escolas Comerciais.*

1.° — SECÇÃO ARTÍSTICA

Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adorno do lar, fotografia etc.

1.° prémio — Diploma honorífico e 500$00

MANUSCRITO E ENCADERNAÇÃO DE «VOZES DA NATUREZA» — Maria Antónia Luna — Centro n.° 3 Ala 2, Estremadura. Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

QUADRO DE NOSSA SENHORA — Sofia Nogueira de Albuquerque — Centro n. 12 Ala 2, Estremadura. Colégio Parisiense, Lisboa.

3.° Prémio — Diploma honorífico e 200$00

QUADRO PRAIA DA ROCHA — Maria Margarida Tengarrinha — Lusa — Centro n.° 3 Ala 2, Estremadura. Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

CASA EM MINIATURA — Maria Cecília Santos Diniz — Vanguardista — Centro n.° 77 Ala 2, Estremadura. Colégio de S. José, Lisboa.

ESTUDO EM AGUARELA — Maria Ondina Gomes — Infanta — Centro n.° 3 Ala 2, Estremadura. Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

TRABALHO EM RÁFIA (Girafa e cavalo) — Maria Luz Rosa Nobre Reis — Infanta — Centro n.° 4 Ala 2, Estremadura. Centro extra-escolar, Lisboa.

CONJUNTO DE 4 QUADROS — Olivia Resende representando 1 grupo de filiadas — Centro n.° 1 Ala 5, Douro Litoral. Colégio da Boa Nova, Matozinhos.

ESTUDO DE FLORES — Maria Helena Roque Gameiro Leitão de Barros — Lusa — Centro n.° 3 Ala 2, Estremadura. Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

2.° — SECÇÃO DE LAVORES FEMININOS

Bordados, rendas, tapeçarias.

1.° Prémio — Diploma honorífico e 500$00

CONJUNTO (Almofada, painel, jarras, caixas, etc. — Maria Teresa Palma F. Rodrigues da Silva — Centro n. 11 Ala 2, Estremadura. Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa.

2.° Prémio — Diploma honorífico e 300$00

RENDA IMITAÇÃO DE VENEZA — Paulina Moreira Alves Teixeira — Lusa — Centro n.° 11 Ala 1, Douro Litoral. Colégio Moderno, Porto.

3.° Prémio — Diploma honorífico e 200$00

PANO REDONDO BORDADO APLICAÇÃO — Maria do Carmo Mecias de Almeida — Centro n.° 1 Ala 1, Algarve. Liceu João de Deus, Faro.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

CONJUNTO (Painel e almofada) — Maria de Lourdes Reis Silva — Lusa — Centro n.° 2 Ala 2, Estremadura. Liceu D. Felipa de Lencastre, Lisboa.

BORDADO PONTO DE SOMBRA — Bertini Casimiro de Lima — Lusa — Centro n. 2 Ala 9, Algarve. Colégio de S. Catarina, Monchique.

BORDADO PONTO DE SOMBRA — Maria Helena Horta Cardoso — Vanguardista — Centro n.° 16 Ala 4, Estremadura. Esc. Alexandre Herculano, Amadora.

PAINEL — Raquel Luisa Almeida Santos — Vanguardista — Centro n.° 2 Ala 2, Estremadura. Liceu D. Felipa de Lencastre. Lisboa.

ALBUM PONTO DE CRUZ — Eva Adelaide Ribeiro — Vanguardista — Centro n.° 4 Ala 1, Douro Litoral. Colégio Luso-Francês, Porto.

3.º — SECÇÃO LITERÁRIA

Composição em prosa e em verso, ilustrada com desenhos.

1.º Prémio — Diploma honorífico e 500$00

«VOZES DA NATUREZA» — Celeste Morgado — Vanguardista — Centro n.º 3 Ala 2, Estremadura. Liceu Pedro Nunes, Lisboa.

2.º Prémio — Diploma honorífico e 300$00

«NON NOVA, SED NOVE» — Maria Aliette Farinha das Dores — Vanguardista — Centro n.º 1 Ala 1, Algarve. Liceu João de Deus, Faro.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

«HEROIS DO MAR» — Lygia Maria Costa Rebelo — Lusa — Centro n.º 88 Ala 1, Douro Litoral. Centro Extra-Escolar, Porto.

«VELHICE» — Maria Leonor Guimarães Macieira — Vanguardista — Centro n.º 77 Ala 2, Estremadura. Colégio S. José, Lisboa.

«A PRINCESA DO VOUGA» — Maria José António de Lucena — Lusa — Centro n.º 3 Ala 1, Beira Litoral. Colégio Nossa Senhora de Fátima, Aveiro.

Pela colaboração em «ALVORADA», Maria Idália Gomes Correia — Lusa — Centro n.º 20 Ala 2, Estremadura. Escola João de Barros, Lisboa.

Pela colaboração em «ALVORADA», Raquel Kalepsky — Centro n.º 20 Ala 2, Estremadura. Escola João de Barros, Lisboa.

4.º — SECÇÃO INDUSTRIAL

Peças de vestuário e paramentos religiosos.

1.º Prémio — Diploma honorífico e 500$00

DUAS TOALHAS DE ALTAR — Maria da Graça da Silva Bessa e Menezes — Vanguardista — Centro n.º 2 Ala 2, Minho. Colégio Dublin, Braga.

2.º Prémio — Diploma honorífico e 200$00

CHAMBRE E CAMISINHA — Aida Rodrigues Caliço — Infanta — Centro n.º 1 Ala 1, Algarve. Liceu João de Deus, Faro.

3.º Prémio — Diploma honorífico e 200$00

PALA BORDADA — Virgínia da Silva Ferreira — Vanguardista — Centro n.º 10 Ala 2, Minho. Colégio D. Pedro V, Braga.

Menção — Diploma honorífico e 100$00

CASAQUINHO E BOTINHAS — Maria Manuela Martins Pilar — Infanta — Centro n.º 83 Ala 2, Estremadura. Colégio Garrett, Lisboa.

BRINCOS — Maria Helena de Queiroz Rebelo B. Miranda — Vanguardista — Centro n.º 4 Ala 2, Estremadura. Centro extra-escolar, Lisboa.

SACO DE TRABALHO — Maria Manuela Nazaré Grosso — Centro n.º 2 Ala 2, Estremadura. Liceu D. Filipa de Lencastre, Lisboa.

GRUPO C — *Centros e Escolas Primárias*

1.º — SECÇÃO ARTÍSTICA

Desenho, escultura, pintura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do lar, fotografia, etc.

Menção — Diploma honorífico e 50$00

CEIFEIRA DO ALENTEJO — Um grupo de filiadas — Centro n.º 1, Alto Alentejo. Escola Primária de Terena.

CASA DE BONECOS — Lucília Santos — Infanta — Centro n.º 82 Ala 2, Estremadura. Queen Elisabeth's School, Lisboa.

CAIXA DE COSTURA — Maria Amália Leitão Bento — Infanta — Centro n.º 21 Ala 2, Estremadura. Escola Primária, Lisboa.

CASAL DE CAMPONESES ALENTEJANOS — Esmeraldina Frade Godinho — Infanta — Centro n.º 1 Ala 5, Alto Alentejo. Escola Primária Feminina, Borba.

ALBUM — Marília Pope — Centro n.º 82 Ala 2, Estremadura. Queen Elisabeth's School, Lisboa.

CARROCINHA — Branca Olga Verdial — representando um grupo de filiadas — Centro n.º 38 Ala 1, Douro Litoral. Escola Primária n.º 62, Porto.

2.º — SECÇÃO LAVORES FEMININOS

Bordados, rendas, tapeçarias

Menção — Diploma honorífico e 50$00

CROCHET — Maria Otília Carvalho Campos — Infanta — Centro N.º 40 Ala 2. Estremadura. Escola Primária n.º 40, Lisboa.

SACO DE CROCHET — Teresa Maria Fialho Fernandes de Castro — Lusita — Centro n.º 82 Ala 2, Estremadura. Queen Elisabeth's School, Lisboa.

SACOS DE TRABALHO — Maria Leonor Ferreira Cardoso e Maria Antónia Carvalho — Centro n.º 3 Ala 3 Estremadura. Escola Primária, Odivelas.

NAPERON CAMBRAIA BORDADO A CORES — Maria de Lourdes Martins — Infanta — Centro n.º 37 Ala 2, Estremadura. Escola Primária n.º 25, Lisboa.

NAPERON — Eugénia Martins — Infanta — Centro n.º 5 Ala 2, Estremadura. Escola Primária n.º 30, Lisboa.

NAPERON BORDADO A PONTO DE CRUZ — Eugénia Martins — Infanta — Centro n.º 5 Ala 2, Estremadura. Escola Primária n.º 30, Lisboa.

3.º — SECÇÃO LITERÁRIA

Composição em prosa e em verso, ilustrada com desenho

Menção — Diploma honorífico e 50$00

«A ABELHA E A LESMA» — Maria Hermenegilda Saldanha Sameiro — Centro n.º 34 Ala 2, Estremadura. Escola Primária n.º 16, Lisboa.

«HISTÓRIA DO PÃO» — Rosária Bernardina Leitão — Lusita — Centro n.º 3 Ala 2 Estremadura. Escola Primária de Vimieiro.

RELAÇÃO DOS PRÉMIOS ATRIBUIDOS AOS CADERNOS DE MORAL

LUSITAS DE 7 ANOS

Prémios — material para jogos.

1.º prémio — Para as 8 Lusitas concorrentes — Centro n.º 29 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 38, Lisboa.

2.º prémio — Para as 8 Lusitas concorrentes — Centro n.º 38 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 71, Lisboa.

3.º prémio — Maria Natalia da Costa — Centro n.º 13 Ala 2, Estremadura. Escola Infante Navegador, Lisboa.

4.º prémio — Maria Amélia Freitas de Aguiar — Centro n.º 28 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 27, Lisboa.

(Continua na pág. 16)

LISBOA

VILA REAL

BRAGA

VILA REAL

BRAGA

A Ceia

LEONARDO DE VINCI

ENTRE as obras mais populares dos Artistas célebres contam-se a *Gioconda* e a *Ceia* de Leonardo de Vinci. O sorriso misterioso da *Gioconda* aparece-nos reproduzido em mil gravuras caras e baratas; e a *Ceia* encontra-se até, talvez, na nossa sala de jantar.

Mas apesar desta popularidade, Leonardo de Vinci continua a ser um desconhecido para muitas pessoas que conhecem o sorriso da sua *Gioconda* ou contemplam devotamente a sua *Ceia*.

Não será, pois, sem utilidade e interesse vulgarizar um pouco a figura e a vida do grande Mestre, pintor ilustre entre os mais ilustres, e tambem escultor, arquiteto, engenheiro, músico e escritor, embora estes últimos talentos não sejam aqueles que o tornaram imortal.

Leonardo de Vinci foi, na verdade, um priviligiado; recebeu, para ele só, o que, dividido por muitos, chegaria para dar fama.

Nasceu em 1452, no castelo de Vinci, situado entre Florença e Pisa.

Desde criança, a sua inteligência manifestou-se brilhante nos estudos. Mas o desenho era a sua paixão, ou melhor, a sua vocação.

Um dia o pai, impressionado com as extraordinárias disposições artisticas do filho, levou às escondidas um desenho ao pintor André Verrochio, discipulo de Donatello, e pediu-lhe a sua opinião.

André Verrochio, surpreendido e encantado, disse-lhe: «O teu filho será um grande artista». Profecia que se cumpriu. Êle próprio o tomou como discipulo. Tinha Leonardo 17 anos.

Os progressos de Leonardo foram tais que em breve o próprio Mestre o invejava. Aconteceu até, uma vez, que André Verrochio, encarregado de pintar um quadro do Baptismo de Cristo, (que se encontra actualmente na Academia de Belas Artes de Florença) pediu a Leonardo que o ajudasse e confiou-lhe a pintura dum Anjo. Terminada a obra, o Anjo de Leonardo era tão superiormente belo a tudo o resto, que só nele reparavam e todos os louvores eram para ele.

O desgosto do Mestre foi tão grande que pensou em renunciar à pintura. Este facto, e outros, tornaram dificil a presença de Leonardo em Florença. Em 1481 partiu para Milão.

Como era costume nesse tempo, em que os melhores artistas trabalhavam por conta dos grandes senhores, fazendo mesmo parte da sua casa ou da sua côrte, Leonardo ofereceu os seus serviços a Ludovico Sforza, que reinava então em Milão.

Nessa côrte luxuosa e mundana, os primeiros triunfos de Leonardo de Vinci foram recolhidos como músico, poeta e homem de sociedade.

Admirado pelo seu espirito cintilante e o seu engenho para organizar bailes e teatros, festins e outros divertimentos, tornou-se o animador de todas as festas e um arbitro de elegâncias.

No entanto, a vida da côrte não o fazia esquecer a sua arte.

Organizou a Academia de Milão, onde foi Mestre de numerosos discipulos.

Foi também durante esta época que escreveu vários *Tratados de pintura*, para ajudar os seus discipulos a encontrar a perfeição da arte.

E apesar de lhe restar pouco tempo, pintou vários quadros, entre eles o de Beatriz d'Este, mulher do Duque, e quando esta faleceu vitimada por uma vida de esgotantes prazeres, enquanto o luto impôs tréguas na vida mundanissima da côrte, onde os divertimentos eram

A Madona e a flor

incessantes, Leonardo poude entregar-se com mais assiduidade a uma obra que já trazia entre mãos, e que seria uma das suas glórias: a *Ceia*, grande pintura de 8,m60x4,m50, feita a fresco, numa parede do refeitório dos frades Dominicanos do mosteiro de Santa Maria das Graças.

Como todas as grandes obras de Leonardo de Vinci, a *Ceia* levou-lhe alguns anos a fazer porque interrompia com frequência o trabalho, absorvido por outros afazeres, ou quando não conseguia realizar o que a sua inspiração idealizava.

As cabeças dos 12 Apóstolos, e sobretudo a cabeça de Cristo, foram retocadas mil vezes, na ânsia duma perfeição maior, que traduzissem o carácter e os sentimentos íntimos de cada figura.

Os Dominicanos ao verem que a obra se arrastava sem fim e que Leonardo passava às vezes semanas sem aparecer ou dias inteiros imóvel diante da parede a olhar sem dar uma pincelada, foram-se queixar ao Duque, acusando-o de preguiçoso e incompetente.

Sant'Ana, Nossa Senhora e o Menino

Mas o Duque compreendia melhor do que eles a demora e a hesitação do Artista, que percorria as ruas à procura de modêlos para o Divino Mestre e para Judas, sem que encontrasse expressões humanas para tanta santidade e tanta maldade, e respondia-lhes que tivessem paciência, que esperassem!

Finalmente, em 1498, Leonardo de Vinci deu por terminada a sua obra maravilhosa, na qual cada personagem vive o drama daquela hora em que o «Príncipe das Trevas» vence, mas em que se manifesta também, e êsse eternamente vencedor, o Amor misericordioso e infinito de Deus!

Obra sincera, real — quadro de vida e de paixões humanas, mas tambem de perfeição divina — a *Ceia* é impressionante por isto mesmo, porque nos faz assistir a qualquer coisa que existiu e deve ter sido *assim*, como a vemos representada: Cristo na sua dignidade e sensibilidade de Homem-Deus; cada Apostolo com o fremito da sua inquietação, a sombra da sua desconfiança, a surpreza e a emoção do que se está a passar...

Mas esta obra prima, aquela que Leonardo de Vinci pintou com mais devoção, a ponto de lhe tremer a mão ao pintar Jesus, não resistiu ao tempo. Poucos anos depois, já o fresco de Santa Maria das Graças tinha sofrido dos estragos da chuva e da humidade e... das barbaridades dos homens!

O Mestre que orgulhosamente tinha dito, «Que sermão terá sôbre o mundo tanta influência como a minha *Ceia*?», sofreu a humilhação de ver como todas as obras dos homens são pereciveis!

Mas, em parte, tinha razão: as obras de arte religiosa são a melhor prégação. «A arte — dizia ele — explica os mistérios, ilumina e simplifica os dogmas mais obscuros. O teologo, para explicar a Virgem Mãi, não acaba com os seus discursos, enquanto que nós, pela obra dos nossos lápis ou pinceis, A tornamos imediatamente inteligivel a toda a gente».

Em 1500, Leonardo de Vinci, sentindo-se mal no meio das perturbações políticas que agitavam Milão, partiu para Veneza, onde se demorou pouco, fixando residência em Florença, sem no entanto interromper as suas viagens de estudo e trabalho por toda a Itália.

Vários conflitos com Miguel Angelo, cuja rivalidade lhe trouxe sérios dissabores, e ainda outras questões que muito o desgostaram, obrigaram-no a deixar Florença, partindo para Roma. Ali, novas contrariedades e perseguições levaram-no a oferecer os seus serviços a Francisco I, quando êste entrou em Itália.

Mas é tempo de nos referirmos à *Gioconda*, o célebre retrato de Mona Lisa, vendido pelo autor a Francisco I por quatro mil escudos, e que hoje se encontra no Museu do Louvre. É um pequeno quadro, pintado em madeira, com 77cm x 53cm.

Mona Lisa, natural de Nápoles, era mulher de Francisco del Giocondo. Dizem que Leonardo de Vinci se apaixonou por ela e obcecado pela sua beleza deu a todas as suas figuras femininas qualquer traço de semelhança com a *Gioconda*.

Demorou 4 anos a pintar este retrato, para não perder o prazer da companhia do modêlo!

Dizem ainda que para conservar Mona Lisa sempre distraida e contente trazia cantores e músicos para o seu *atelier*.

E é possivel que o encanto pessoal do artista — e quem sabe até se o seu amor correspondido! — tenham contribuido tambem para aquele sorriso subtil!

Criticos e poetas — e mesmo nós que não somos uma coisa nem outra — sentimos a sedução do enigmático sorriso da *Gioconda*.

Nesse quadro, sôbre o qual se tem falado tanto, encontra-se a realização de alguns dos processos de arte que Lonardo de Vinci deixou escritos. É curioso notá-los.

«Para que um retrato tenha uma semelhança verdadeira, é necessário divertir o modêlo, falar-lhe dele próprio, do que lhe interessa. Assim, falar de amor a uma mulher, de combates a um guerreiro...»

Não teria o célebre pintor posto isto em prática, falando de amor a Mona Lisa?!

«O artista não se deve preocupar com a semelhança fisica. O enigma atrai o homem, retem a sua atenção e a sua simpatia. O espirito tem necessidade de se conservar na meia sombra dos mistérios e no desconhecido dos problemas que o tornam ancioso.»

O sorriso misterioso da *Gioconda* não teria sido um efeito de arte para conseguir essa curiosidade perante o desconhecido?!

«Começa-se por procurar a beleza exterior, de que é fácil apanhar os elementos; em seguida devemo-nos esforçar por libertar a alma.

Uma obra de arte, como um homem, compõe-se de corpo e alma. Começai por exprimir o corpo, que é o conhecido; em seguida, procurai a alma, que é o desconhecido, e atingi-la-eis.»

Não teria sido este o segredo de Leonardo de Vinci ao pintar a *Gioconda*? Ter descoberto a sua alma de mulher?!

Essa alma de mulher que a nós nos escapa no seu sorriso estranho!

Mas nem sempre o Mestre fazia o que ensinava. Um dos conselhos que dava não o seguia: «Tende cuidado que as cabeças que pintais não tomem um ar de familia, e que estes traços de semelhança não comprometam a variedade dos personagens.»

A *parecença* entre algumas das obras de Leonardo de Vinci é flagrante.

O *tipo* da *Gioconda* repete-se em *Santa Ana*, na *Virgem das Balanças*, na *Virgem dos Rochedos*, em *Leda* e até em *S. João Baptista* e *Baco*!

Em 1516, na companhia de Francisco I, Leonardo de Vinci deixou a Itália, onde jamais voltaria.

Instalou-se em França, no Castelo de Cloux, que Francisco I lhe ofereceu para residência, dando-lhe também uma pensão de setenta escudos.

Como na Itália, em França os seus dotes pessoais e o seu talento artístico marcaram. O prestigio do seu nome era tal que os mais ilustres senhores da côrte e da Igreja o visitavam.

Nessa altura, já Leonardo de Vinci com 64 anos, mas tão acabado que parecia ter 70, começava a não poder pintar, porque a paralisia tinha-lhe tolhido tres dedos.

Em 1518, abatido e triste pela sua impotência para trabalhar e sentindo chegar o fim, fez testamento, «recomendando a sua alma a Deus todo poderoso, à Gloriosa Virgem Maria, a S. Miguel e a todos os outros bemaventurados, santos e santas do Paraiso».

Esperemos que o grande Mestre, que escreveu que «uma bela obra de arte dá sempre louvor a Deus, o Soberano Artista, porque o homem, essa obra manifesta, pela mão do homem, a potência inspiradora de Deus», tenha ido contemplar a suprema Beleza, cujo reflexo tanto amou nas obras do Criador e tão bem soube reproduzir.

Coccinelle

A Gioconda

PARA LER AO SERÃO

por Maria Paula de Azevedo

ALEGRIAS E TRISTEZAS

II

E, de facto, na tarde seguinte, elegante e compassado, a sua alta figura destacando-se, virilmente, à entrada da sala, João, o noivo de Maria de Lourdes, apareceu.

— Lourdes, meu amor, o que há? — preguntou êle, pegando nas mãos ambas da noiva e beijando-as com ternura.

— O Pai não veio de Londres, sabes? — murmurou Maria de Lourdes.

— Sim, filha, ouvi dizer isso ontem à noite, no Grémio.

— E nada mais te disseram?

Sem responder à pregunta directa João observou:

— Assim, de longe, será difícil saber bem as razões da demora...

Maria de Lourdes abanou a cabeça negativamente.

— Não será difícil, João.

— Diz-me, então, o que te faz pensar mal desta demora do teu Pae? É preciso não seres pessimista, Lourdes; e antes de te afligires espera que venham notícias de Londres.

— Não sabes, então, nada? Não ouviste dizer?? — murmurou Maria de Lourdes, com os olhos húmidos — Já vieram notícias, João, e não são boas: estamos arruinados.

— Como?! — exclamou o rapaz — Isso será certo?

Sentaram-se nas confortáveis poltronas, ao lado da chaminé onde, apesar de se estar no fim de Março, grossos toros de lenha crepitavam. Maria de Lourdes tornou:

— Não há engano possível. Vieram já tres telegramas do Pae; e veiu uma longa carta descrevendo a ruína total dos nossos haveres.

— E tu sabes, querida, que o meu ordenado foi diminuido? A vida tornou-se bem difícil... — d'sse João, pesando as palavras.

— Talvez tenhamos de desistir dos nossos planos, João — disse Maria de Lourdes, baixo, devagar.

— Desistir??... — respondeu o noivo, pensativo.

— Eu vou ter de trabalhar, bem vês — tornou Maria de Lourdes. — Terei de ajudar os Pais...

— Trabalhar, tu? Habituada, como estás, à vida de sociedade, rica, farta, elegante?

— Como tudo muda dum instante para o outro... — respondeu Maria de Lourdes tristemente. — Ouve, João, estás desligado de todo. Mais tarde, talvez, quem sabe??

Nem acabou a frase. E João não teve um protesto, um brado de indignação, nada...

Estendeu a mão à linda rapariga e disse, com tristeza sincera:

— Gostava que nos separassemos amigos, Lourdes.

Maria de Lourdes, engulindo as lágrimas, murmurou:

— Adeus, João — e correu para o seu quarto, a chorar convulsamente.

. . . .

Que dias dolorosos se seguiram então! A chegada do pae, triste e alquebrado; a grave doença que o prostrou, durante tres meses, acabando por matá-lo; e a saída das duas senhoras do rico palacete, vendido com todo o recheio para fazer face às despezas urgentes.

Maria de Lourdes, porém, revelara-se forte e corajosa, em contraste com o desespero gemebundo da mãe que, longe de a ajudar nas resoluções a tomar, parecia fazê-la responsável por tantas infelicidades!

E para aconselhar a pobre rapariga apenas o bom padre Costa, que a confessava desde pequenina, o comandante António de Castro, primo-segundo de D. Mecia, e seu filho Joaquim, oficial de marinha como o pai, fazendo agora uma estação em Africa.

Acharam-se, pois, as duas senhoras, passados meses, liquidadas todas as despesas, reduzidas a umas centenas de escudos como rendimento mensal e num isolamento quase absoluto.

D. Mecia, adoentada e queixosa, fazia a vida dura à pobre Maria de Lourdes; e agora tornava-se urgente saírem da dispendiosa pensão onde se tinham refugiado e acharem algum trabalho que aumentasse, um pouco, os seus parcos rendimentos.

A quantos anuncios Maria de Lourdes respondeu, escrevendo às primeiras horas da manhã, e apresentando-se, timidamente, em casas equívocas ou escritórios de sordida aparência...

— Tem prática? — preguntavam-lhe; ou, então:

— Sabe dactilografia? Escrituração comercial?

Não, ela ignorava, de todo, esses trabalhos...

Um dia, um hóspede da pensão, velho professor duma Escola Superior do Porto, interessado naquelas duas senhoras tão finas e elegantes, dirigiu-se a Maria de Lourdes sob um pretexto sem importância. E quando soube que ela desejava qualquer trabalho de correspondência conseguiu encarrega-la da cópia manuscrita de um seu longo estudo científico, vagamente disperso.

Como se sentiu feliz a pobre Maria de Lourdes quando recebeu o seu primeiro ganho!

Infelizmente acabara, após umas semanas, o trabalho do Professor Matos; e agora era preciso procurar acomodação mais modesta. Instaladas, emfim, num terceiro andar em Campo de Ourique, bairro arejado, alegre e sem luxo, Maria de Lourdes adaptara-se depressa à sua nova vida. Na actividade do seu trabalho quase esquecia a vida mundana e divertida que fôra a sua, num meio de riqueza e de elegância.

Conseguira, por um anúncio, empregar-se num escritório da baixa com um ordenado modesto por não saber escrever à máquina. Mas, passadas algumas semanas, vendo os donos do escritório que a empregada falava quatro línguas e redigia com uma precisão invulgar, propuzeram-lhe uma aprendizagem de dactilografia com aumento futuro de ordenado.

Tornara-se agora a principal empregada da casa; e a sua cultura, junto à inteligência e ao desembaraço, faziam dela uma pessoa preciosa aos olhos dos donos da Casa de Comissões.

— Como é que apanhámos uma mulher destas, Luiz? — perguntava um deles.

— Tanto se me dá, José: contanto que não nos largue.

— Que pérola! redigir a correspondência em francês, inglês, alemão, italiano!

— Sabes que mais, José? Temos de lhe dar um conto e quinhentos; ela merece-o.

tão bem rodeada do carinho de todos e podendo ser um pouco útil!

— Um pouco não, muitíssimo, não vês como tens sido útil a todos? A tia Lola ainda ontem dizia: «Se não fosse a Gabriela, o que havia de ser de nós, e eu que tenho que ir para o Porto». Guida está descansadíssima entregando-te a casa e o menino; tu foste nesta ocasião a alma da família, ainda há dias o Henrique dizia: «Esta Gabriela vai fazer um marido felicíssimo». E sabes que a tua Avó fica muito orgulhosa quando vê que lhe apreciam como merece a sobrinha?

— Por Deus Avó, é o seu coração que lhe faz ver e ouvir essas coisas. Eu o pouco que faço é com alegria e sinto-me bem a governar a casa. Já o pai dizia que eu sou mandona. E o «bébé» então é o meu delírio. Calcule que é o meu primeiro afilhado.

— Pois sim, filha; tudo isso poderia ser assim, mas a verdade é que outra rapariga ao ler as cartas de Maria Luisa se sentiria triste de não ver o que ela está vendo e não fazer uma tão linda viagem. Sabes que as cartas dela até a mim me dão vontade de viajar e se fosse mais nova e pudesse dispor de dinheiro sem que a minha lavoura se prejudicasse, também gostaria de fazer uma viagemsinha.

— E porque não a havia de fazer avósinha? Olhe que as inglesas de mais idade que a Avó, ainda viajam.

— Sim, bem sei, tomam banhos de mar e dansam.

— Banho mar a Luzi não quê, disse a pequenina que se tinha vindo encostar nos joelhos da Avó para dar mais atenção à conversa.

— Ora vejam isto a meter-se na conversa! As crianças hoje estão terríveis, e dizendo isto inclinava-se para a pequenina beijando-a.

— A viagem de Maria Luisa dá-me tanto prazer como se fosse eu a fazê-la e sabe a Avó o que me deu mais prazer ainda foi a carta do Sr. de Millemaison, dizendo-me que a Maria Luisa tem sido uma companheira ideal para Colette, interessando-a na viagem e sendo muito sensata, não a deixando fatigar e excitar.

— Tens razão filha, é tão agradável ouvir dizer bem dos nossos. A Maria Luisa é boa rapariga; tem lá a mania das viagens, mas aquilo pega-se, é esquisito, eu que sempre detestei andar dum lado para o outro agora gosto de ouvir estas cartas.

A porta abriu-se e uma criada entrou e disse:

— A senhora D. Carlota manda dizer à menina se faz favor de ir ao quarto da minha senhora porque entrou o Sr. Doutor.

Gabriela levantou-se e saiu. D. Maria de Melo perguntou à criada:

— O Sr. Dr. Jardim vem só ou vem também o filho?

— O Sr. Dr. Carlos também vem, e dizendo isto fechou a porta.

D. Maria de Melo levantou-se e dando a mão a Maria da Luz foi para junto do carrinho do bébé, e ia dizendo a meia voz, como é costume nas pessoas de idade:

— Não percebo para que é que o Dr. traz o filho, ou por outra estou desconfiada. Está sempre a dizer: «Esta menina não é só uma boa dona de casa, é uma esplendida enfermeira e com os conhecimentos de puericultura é uma futura mãe como era preciso todas fossem». Naturalmente quer impingir o filho e eu que fique outra vez só como dantes, depois de ter tido companhia. Logo que a Guida se levante, vou-me embora e levo-a, isto assim não me convem.

— A Avó quê ir embora? perguntou a pequenina.

— Não é isso filhinha, já não se pode dizer nada diante desta espevitada.

A porta abriu-se e entrou Gabriela — venho buscar o bébé para o Dr. Carlos o ver. Como é especialista de crianças o pai trouxe-o hoje cá.

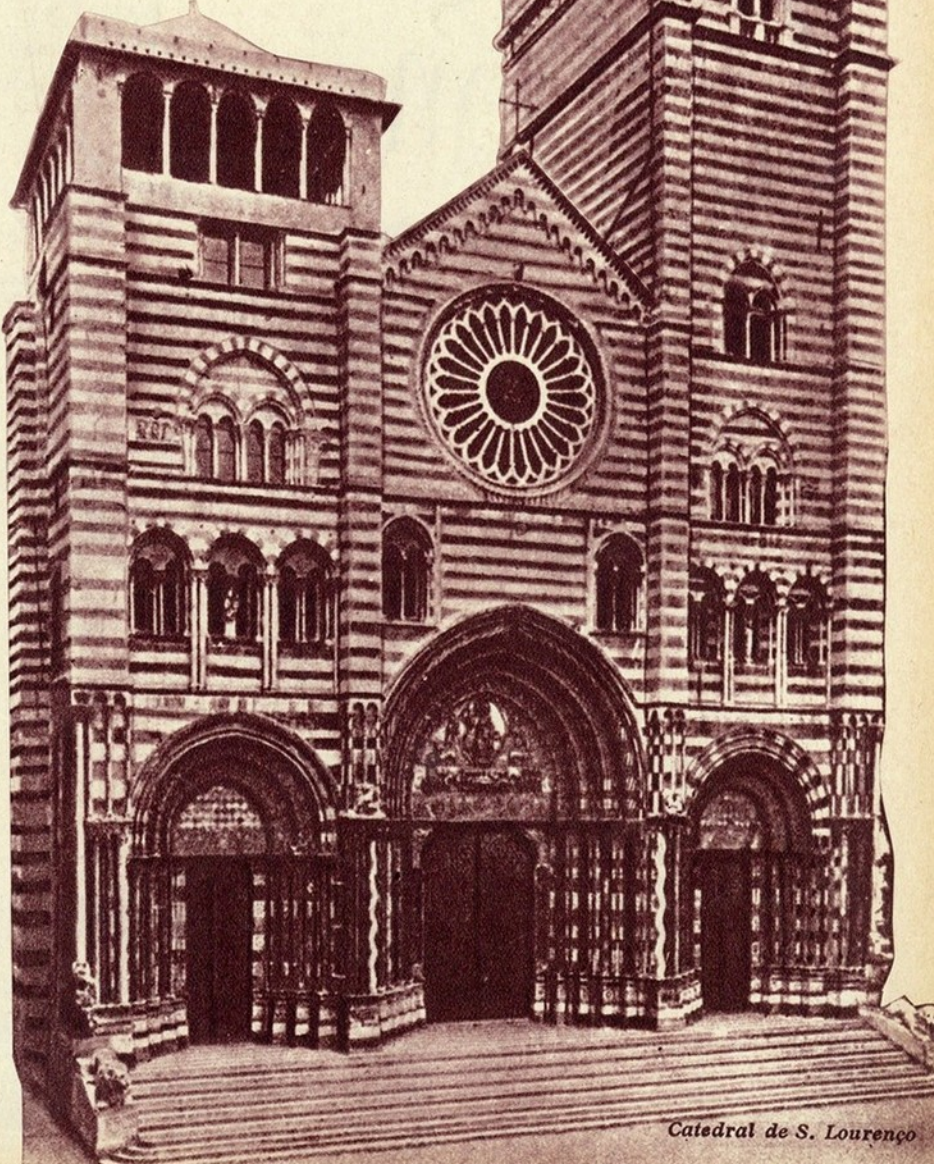
— Ora, ora para que é preciso isso. No meu tempo não havia especialistas e as crianças criavam-se que era uma beleza, o menino a dormir tão bem e vão incomodá-lo. Gabriela, que tinha pegado no bébé, olhou admirada para a Avó:

— A Avó está aborrecida, estou a estranhá-la?

— Não filha, não estou aborrecida, é que acho exagêro tudo isto, e emquanto Gabriela rindo saia acompanhada de Maria da Luz, ficou dizendo:

— Não me enganam não, sou capaz de ficar sem ela e isso não tinha graça nenhuma. O médico que procure noiva para o filho por outro lado. Jesus, até me estou a fazer egoista eu que nunca o fui, mas também nunca fui rodeada de tanto carinho e nunca precisei tanto dele.

(Continua)

MARIA D'EÇA

Catedral de S. Lourenço

Lagoa das Furnas (S. Miguel, Açores)

Cartas de São Miguel

Furnas 15 de Agosto de 1946
Minha querida Isabel

Aqui nunca sei quando há vapores, e isso, juntamente com este isolamento e vida contemplativa, tem-me feito escrever menos! Penso imenso em todos, mas os dias vão-se passando neste "dolce far niente"!...

Que pena, que tenho de que o Pai e a Isabel não se resolvam a vir cá! Tanto um como outro não podiam deixar de apreciar a vida que fazemos, e a beleza incomparável de tudo isto.

As noites de luar têm sido "de tirar o último sopro de materialismo que possa existir em nós!..."

Vimos a lua em todas as fazes; etérea e recortada sobre um ceu transparente; erecta e fria, enchendo de brancura indiscriptível a concha do lago e as ravinas dos montes; vermelha, imensa, a surgir entre os pinheiros dos cumes, incendiando as nuvens e o ceu... que lindo tudo...

E esta casinha escondida no ponto mais recôndito da lagoa, encostada quase a montanha ameaçadora, protegida pela mata cerrada de criptomerias; respirando por tantas janelas tão rasgadas, a atmosfera do paraíso terreal, carregada de aromas e de sons misteriosos; avistando a todas as horas a lagoa insondável e maravilhosa, através de um jardinzinho de relvas e de fetos arbóreos...

E' uma paisagem tão diferente dessa, tão surpreendente para nós, que bem parece estarmos no fim do mundo... Mas naquele fim que fosse *fim* por ter atingido a maior beleza que se possa imaginar... Passo dias e dias sem sair daqui. — A's vezes tomo banho na lagoa com o pequeno, (sempre com boia) que de repente começou a mexer os braços e as pernas, e a nadar "tant bienque mal", mas avançando! Eu não o deixo tomar banho sem eu estar dentro de água, e não consinto que vá mais longe do que eu, de pé; mas ele ficou doido de alegria ao ver que nadava e atormenta-me por causa dos banhos!

As manhãs são deslumbrantes, mas as tardes não se podem comparar a coisa nenhuma! Pela tardinha passeamos (o pequeno e eu) no nosso barquinho branco chamado "Garça". Eu remo e ele vai ao leme. Ao pôr do sol, cai a noite e a água fica de gelo cor de rosa... Silenciosos, deslisamos junto às gaivotas pensativas; o pequeno ri e elas voam, flexiveis e brancas, abrindo as asas em diagonal sobre a turqueza do céu... Vêm-me lágrimas aos olhos... Que felicidade maior pode haver, do que reconhecer, aproveitar e agradecer a felicidade?

Aqui as minhas vindas espaçadas marcam nitidamente as troços do caminho da vida...

De todas as vezes a vida é igual, faço os mesmos gestos como se cumprisse um rito. Remo, passeio, extasio-me perante a beleza da água e os montes, sempre igual e sempre variada... Encontro-me nos mesmos sítios, que não mudaram. Só eu mudei, mas não tenho pena.

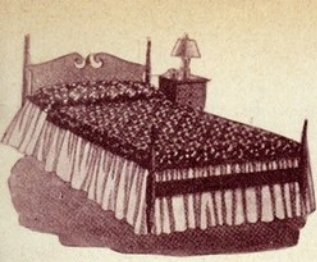
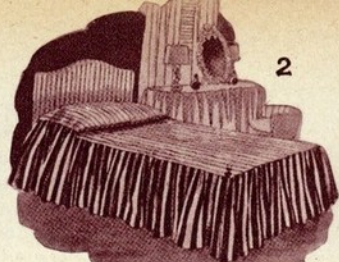
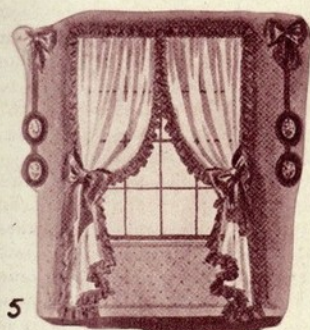
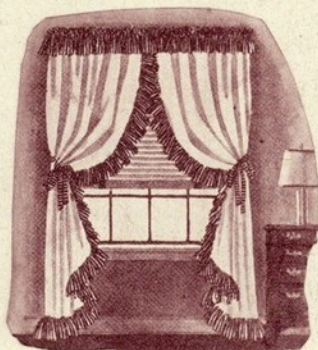
Lembro a quase inconsciência dos meus desasseis anos, e toda a evolução do espírito, de que os espaçados verões aqui são marcas inconfundíveis... Tudo vi, ouvi e apreciei, como uma alma cada vez mais adulta. Quando há 9 anos aqui vim parecia-me que a minha vida se tinha estabilisado, e que nada mais de novo me daria, a não ser o inesgotável interesse do pensamento...

Hoje revejo os sítios conhecidos, repito e repito o conhecido gesto de remar, sinto-me afundar no infinito da conhecida beleza, e quase penso que todos êsses anos foram um só. Mas logo vejo em frente de mim a "cara mais linda do mundo„, tostada de sol, corada e brilhante, tão perto desta minha vida e tão longe da outra... Será possivel que Deus tenha consentido este milagre? Eu não tinha este rapazinho há 9 anos! Hoje a minha maior e mais profunda alegria, é reviver nele e com ele, tudo o que foi encantando e trespassando de espiritualidade, os anos em que eu era nova... Deus é bom, Deus é bom...

Ás vezes (mas poucas) descemos à vila, jantamos no Hotel e observamos a animação do parque e da piscina. Há muito tempo que não me sinto tão descançada (de corpo e de espírito) e gosando tanto os mezes de verão! graças a Deus!

Há quanto tempo não recebo notícias, Isabel!?... Quanto eu gostava de os ver aqui conosco!... Todos esperamos que um dia se resolvam a vir a esta ilha encantada.

Beija-a a sua muito amiga.

G.

NOIVAS

DESTA vez Paula, pedes a minha opinião sobre a *casa*.

Creio que a casa deve ser tanto quato possível *definitiva*.

Bom é pensar bem; ponderar assunto e olhar para o futuro para não termos que nos mudar por isto ou por aquilo que não pensámos ou não vimos antes.

Será bom pegares num papel e fazeres, quando tiveres casa em vista, a lista dos *prós* e dos *contras* reparando que a soma dos *prós* passe muito alem da soma dos *contras*.

— A casa é perto do carro elétrico? — Fica longe do emprego do marido? — A quanto monta a verba para carros no fim do mes? — E' exposta ao sol? — Será humida? — Haverá um quarto a contar com os *pequenos?* etc. — Eis aqui um ponto importante. Pensas em casar, conta pois com os filhos que Deus te der.

. . . .

As mudanças são tão dispendiosas e fatigantes que temos toda a vantagem em escolher com acerto a casa que será o nosso lar.

Os móveis e as cortinas que se fizeram ou se compraram para *esta* casa, raramente servem *naquela*. Quem anda de casa às costas, levantando aqui arraiais para logo os assentar acolá, acaba por adquirir um certo espírito nomada e raramente consegue dar à casa o conforto e a aparência dum verdadeiro lar.

As casas, como tudo mais, teem história; teem vida, teem passado e teem futuro.

Encantadoras são as casas, já raras em Lisboa, onde habitaram seguidamente váriras gerações da mesma família.

Qualquer coisa do espírito da família ficou, com a sua história, agarrado às paredes e no ambiente da casa. Qualquer coisa que a torna amiga e acolhedora, tão cheia de passado e de recordações...

Com as constantes deslocações de aqui para ali, muita coisa se perde forçosamente: todo esse tesoiro de pequenas recordações e ninharias, cartas, retratos e lembranças que formam o passado das famílias vai sendo aos poucos desmenbrado...

Deslocadas nos sucessivos *cenários*, deixam de ter *presença*, fora do ambiente próprio, e cedo são substituidos e muitas vezes sacrificados às deminutas dimenções de uma morada de ocasião, ao estilo da casa e às dificuldades das mudanças.

Perde-se por assim dizer a sequência, a continuidade e com elas aqueles sentimentos de estabilidade e segurança que sentimos sempre na casa de nossos pais, onde corremos pequeninas sob a vigilância de nossos maiores.

M. B.

N.º 1 — Linda cama de casal. Engraçada côlcha de chita com folho de cassa branca.

N.º 2 — Simples «divan» de costas altas revestidas do mesmo tecido ás riscas verde escuro e creme da colcha.

N.º 3 — Para quem tiver a sorte de possuir uma cama antiga de «docel». Folho branco preso ao enchergão da eama colcha de cretone, chita ou «chints». Docel de cassa branca bem franzidinha.

N.º 4 — Linda colcha para cama moderna, muito original. O tampo assim como as almofadas é liso e o folho e laços ás riscas.

N.ºs 5 6 7 — Tres lindas janelas alegres e frescas. Cassas «étamines» e «chints», chita ou cretone. Qual faremos para o nosso quarto de cama?

N.ºs 8 9 10 11 — Alegres frescos e risonhos qual destes toucadores faremos? Qualquer tosca ou velha mesa de pinho serve para cobrir de cassas, chitas, ou étamines. Que bonitos!...

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Esopo expôs em fábulas muitas lições e verdades que foram e são.

E eu vou tentar pôr em prosa dos nossos dias algumas que contêm conselhos bons para nós.

Nas fábulas não há inverosímil. Os animais e as coisas têm inteligência, sensibilidade, alma. Falam. E a sua vida interior é o reflexo das reacções humanas.

A RAPOSA E O MACACO

A raposa atravessa apressada a floresta. Anda que anda, anda que anda, e não parece cansada nem pára. Vai sempre em frente. Mas ela tem uma cauda enorme, bonita e abundantemente vestida que de vez em quando varre o chão como um grande penacho derrubado. E a pobre raposa irrita-se com aquilo e ergue-a em ares de estandarte guerreiro. E vai sempre em frente, anda que anda, anda que anda, e ainda está longe de chegar ao seu destino.

O macaco estava ensaiando uma nova gimnástica junto da clareira por onde ela havia de passar. Vinha já perto o inverno. O pobre andava sempre mal agasalhado, passava frio. E sentia um terror enorme das primeiras chuvas dos fins de Outono. E por isso naquela manhã o coitado mostrava-se um pouco inquieto e apreensivo. Corria uma aragem leve mas muito fresca, quase fria. E o macaco defendia-se cansando-se em cabriolas sem fim, de árvore para árvore.

Através dos troncos ele descobre um penacho felpudo que se agita e aproxima depressa. Aquilo surpreende-o. Senta-se num ramo para observar melhor e fica esperando. Daí a nadinha aparece ao fundo da clareira a raposa, cauda erguida, apressada e séria, anda que anda, anda que anda...

Amigo macaco em dois pulos está no chão. Atravessa-se-lhe no caminho. A pobre tem ares de cansada e a ele apetece-lhe dois dedos de tagarelice. E a raposa tinha graça...

— Ora viva, linda flor! Tanta pressa tem que já nem fala aos amigos. Para onde vai à romaria?

Se as coisas fossem ditas de outro modo ela passava adiante com um «boa tarde» delicado, e pronto. Mas detesta que lhe falem assim de brincadeira. E logo o macaco!

Ilustração da filiada IDALINA LIMA

Pára decidida. Senta-se no chão e o penacho guerreiro fica caído a seu lado. Olha-o a direito e responde na mesma moeda:

— Olá, viva! Desculpe que não o tinha reconhecido. Mas que óptimo aspecto que você tem. O que é que faz para parecer tão bonito?

E a conversa não ficou por aqui. A raposa esqueceu-se da pressa que levava. E do tom de brincadeira passaram a assuntos mais sérios.

Veio à baila o inverno que não tardaria muito. E então o macaco começa a fazer as suas queixas: que passava frio, e que não sabia o que fazer, e que era um desgraçado... Depois reparando na roupagem espessa da outra insinuou que ela podia ajudá-lo, que não lhe faria diferença, que pelo contrário talvez até fosse bom...

A raposa ergue-se abespinhada: «Lá isso não. Tinha muita pena mas não podia ceder sequer um pêlo». E foi-se embora, outra vez com pressa, cauda erguida, anda que anda, anda que anda...

Infantas:

Há muitas meninas que, sabendo mais, não querem ajudar as companheiras que lhe pedem auxílio. Ora isso é muito feio. Fazem assim uma figura como a raposa que enquanto foi brincadeira sentiu-se bem e quando chegou a altura de ser boa e útil foi-se embora com uns ares importantes e zangados.

Maria Aliete Farinha das Dores
Vanguardista—Algarve

IX SALÃO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA M. P.

(Continuação da pág. 7)

LUSITAS DE 8 ANOS

1.º Prémio — Maria Helena Viola Domingues — Centro n.º 48 Ala 2, Estremadura, Lisboa.

2.º prémio — Maria Manuela Rita Ribeiro — Centro n.º 2, Estremadura. Escola Prim. Of. de Adão Lobo, Cadaval.

3.º prémio — Maria Fernanda Pinto Vieira — Centro n.º 43, Douro Litoral Escola Prim. Of. n.º 2, Bonfim-Porto.

4.º prémio — Esmeralda Pereira Passareira — Centro n.º 52 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Oficial n.º 58, Lisboa.

5.º prémio — Maria de Fátima Carneiro Pereira — Centro n.º 28, Douro Litoral. Colégio Júlio Diniz, Porto.

LUSITAS DE 9 ANOS

1.º prémio — Maria Alice Dias Correia — Centro n.º 42 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 23, Lisboa.

2.º prémio — Emília Celeste Trindade de Oliveira — Centro n.º 3, Tras-os-Montes. Escola Prim. Oficial, Lamego.

3.º prémio — Natália de Lourdes Pereira — Centro n.º 40, Douro Litoral. Esc. Prim. Of. n.º 66, Porto.

4.º prémio — Marina Brum Lopes Prieto — Centro n.º 2, Minho. Colégio Dublin, Braga.

INFANTAS DE 10 ANOS

1.º prémio — Sara Lopes da Silva — Centro n.º 46 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 17, Lisboa.

2.º prémio — Isabel Maria Braga da Cruz — Centro n.º 2, Minho. Colégio Dublin, Braga.

3.º prémio — Lidia Sacadura da Silva Laires — Centro n.º 5 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 30, Lisboa.

4.º prémio — Justina de Jesus Garvão Matias — Centro n.º 40 Ala 2, Estremadura. Escola Prim. Of. n.º 40, Lisboa.

INFANTAS DE 11 ANOS

1.º prémio — Maria Adelina Dias Novais Teixeira — Centro n.º 7, Douro Litoral. Colégio Lusitano, Porto.

2.º prémio — Castália da Cruz Mosqueira Alves — Centro n.º 13. Douro Litoral. Escola Faria Guimarães, Porto.

INFANTAS DE 13 ANOS

3.º prémio — Maria José Rodrigues da Silva — Centro n.º 20 Ala 2, Estremadura. Escola João de Barros, Lisboa.

CADERNOS COLECTIVOS

2.º prémio — Centro n.º 1 Ala 7, Estremadura. Escola Prim. Of. da Vermelha, Cadaval.

LUSITAS DE 7 ANOS

1.º prémio — Centro n.º 5, Minho. Braga.

2.º prémio — Centro n.º 5, Estremadura. Escola Prim. Of. de S. Julião, Setúbal.

LUSITAS DE 9 ANOS

2.º prémio — Centro n.º 6, Estremadura. Escola de St.ª Maria da Graça, Setúbal.

INFANTAS DE 10 ANOS

1.º prémio — Centro n.º 5, Estremadura. Escola Prim. Of. de S. Julião, Setúbal.